

“Como ajudar os filhos a serem eles mesmos, a voarem?”
Conversa entre Franco Nembrini e Julia Gebara
organizada pela Revista Passos – 19 de setembro de 2020

Julia. Nembrini, no seu livro *De pai para filho* há um trecho em que se fala da necessidade de educar os filhos. Você afirma que todos os pais precisam tentar educar os filhos tendo os olhos fixos naquelas duas ou três pessoas, naquelas duas ou três cenas, naqueles dois ou três momentos em que vimos a educação em ato presente. “A minha primeira referência é o meu pai e a minha mãe, porque obviamente a minha vida floresceu em primeiro lugar ali”. Durante este tempo da pandemia ficaram mais claras as dificuldades na educação dos filhos; os pais foram chamados a ser protagonistas na educação e assumiram em primeira pessoa aspectos que antes eram delegados às escolas. Você afirma no seu livro que para educar é preciso, então, ter os olhos fixos em duas ou três pessoas, em duas ou três cenas em que vimos a educação em ato, e também que a primeira referência para você foram seus pais, com quem tudo floresceu. Pode explicar-nos melhor como foi crescer como filho nessa família numerosa, e de que forma seus pais se tornaram essa referência para você?

Nembrini. Em primeiro lugar, quero cumprimentar todos os amigos, os que eu conheço e os que eu não conheço. E agradecer pelo sacrifício de ouvirem alguém em quem eu não entendo o que vocês estão vendo de tão especial. Mas enfim, vamos em frente. Vamos bater um papo entre amigos. Pensei numa coisa que me veio à mente enquanto vocês me apresentavam e também enquanto me faziam a primeira pergunta. Trata-se do livro que eu escrevi mais ou menos uns dez anos atrás, *De pai para filho* – talvez alguns de vocês já conheçam. Veio-me à mente porque lá há um relato bastante simples, bastante fácil, que eu acho que pode servir como resposta às perguntas que vão surgir hoje à noite.

A resposta a essa pergunta é fácil; eu respondi a ela, por exemplo, ao escrever a dedicatória desse livro. Quando o escrevi, eu o dediquei a três pessoas. A primeira dedicatória foi ao meu pai e à minha mãe: “Ao meu pai e à minha mãe, que me deram a vida, e junto com a vida o sentimento da sua grandeza e da sua positividade”. No fundo, nesta frase está a síntese de tudo o que eu aprendi com meus pais. Mas talvez seja bom explicar como é que isso se dá, que é o conteúdo da pergunta. Nós achamos que a educação consista em transferir coisas, valores, comportamentos, noções, regras – até mesmo boas – da nossa cabeça para a cabeça dos nossos filhos. Mas não funciona assim. Funciona de outra maneira. Funciona como sempre funciona um testemunho. Então eu sou grato ao meu pai e à minha mãe, porque eles não tiveram o problema de me educar. Às vezes, de modo paradoxal, eu digo aos pais que o segredo da educação é não ter o problema da educação, porque quem tem esse problema de educação de certa forma quer obter dos filhos determinados comportamentos, determinadas convicções, determinados resultados. E isso nunca funciona, uma vez que os filhos o percebem como uma pretensão, uma violência. É diferente, nós precisamos fazer com que os filhos morram de inveja, e não de conselhos e de regras. Eu vivi numa família em que meus pais, tendo dez filhos, tinham muito que fazer, de modo que não tinham nem o tempo para transmitir os valores, as regras, etc. Eles viviam de maneira tão grandiosa, que isso encantava e admirava a nós, os filhos. No livro, eu cito também que na escola, aos doze anos, eu escrevi num caderno a seguinte frase: “Senhor fazei-me ser como meu pai”. Meu pai e minha mãe educaram dez filhos repetindo simplesmente três palavras por semana, revezando entre os filhos, não para todos ao mesmo tempo. É como se não tivessem a preocupação de nos ensinar alguma coisa. Eles simplesmente viviam, e viviam de maneira tão grande que nós olhávamos com inveja. Outra forma de dizer esta coisa simples é um *slogan* que eu digo sempre aos pais: “Eu sempre agradecerei ao meu pai, porque cuidou da sua própria santidade e não da minha”. Ele não se

preocupava com me tornar santo, mas cuidava de ser ele mesmo um santo. E quando um filho vê o pai viver como um santo, ou seja, viver bem, alegre, mesmo nas dificuldades, então entende que vale a pena tornar-se como ele e começa a segui-lo. Então, nós também vemos depois o problema da liberdade, de forma que o resultado nunca era automático.

Todo professor sabe que às vezes alunos ótimos podem ter péssimos pais e, também ao contrário, alunos péssimos podem ter ótimos pais. Porque Deus fala ao coração de cada um, algumas vezes, de maneira misteriosa, e a liberdade de cada um responde de maneira igualmente misteriosa. Mas a liberdade dele é que precisa responder, nunca podemos obrigá-los. Eu queria ler uma breve citação de Dom Giussani que um amigo me enviou depois de uma conversa como esta, sobre educação. Ela parece conter todo o segredo do carisma e da intuição de Dom Giussani sobre a educação: “Talvez o maior sacrifício para os pais, o maior depois de ver o próprio filho morrer, é ver o filho de quem nós cuidamos com todo amor e a quem demos tudo o que podíamos dar, tomar decisões ou caminhos ou elaborar julgamentos e juízos diferentes daqueles que nós gostaríamos. É a coisa mais terrível que nós sentimos diante dos nossos alunos na escola, mas para um pai e uma mãe é cem mil vezes mais claro. Contudo, nisso se esconde uma possível tentação de poder sobre as almas: possui-los para o bem deles, arrancar-lhes a liberdade para garantir-lhes a felicidade. Mas Cristo morreu para salvar a liberdade. Quanto mais fortemente desejamos a liberdade dos nossos filhos, ou seja, quanto mais fortemente desejamos que eles alcancem seus destinos (prestando atenção aos advérbios), mais dolorosa e milagrosamente se aprofunda o respeito ao mover-se deles. Não pode haver para eles uma felicidade que não seja escolhida por eles, um destino não reconhecido e aceito por eles. O problema educacional está todo aqui. É aquilo que Dom Giussani fez com cada um de nós, apostando no nosso coração. É o que Jesus fez com aqueles que ele encontrou, apostando no coração deles. O problema dos educadores não é convencer os alunos ou os filhos, não é talvez nem convertê-los, mas que a liberdade deles se mova.

Vou terminar dizendo a mesma coisa, mas de outra maneira. É algo que li mil vezes na vida e achava que já tinha entendido, mas só agora, depois de aposentado, parece que comecei a entender. Giussani, que é um padre, santo, católico, cultíssimo, não disse que a educação é tornar os filhos santos, ou fazer com que eles vão para o Paraíso e conheçam a Jesus. Ao contrário, ele diz que a educação é a introdução à realidade. É impressionante! Para Giussani, a educação não pode saltar a liberdade. A educação é ajudar os filhos ou os alunos a olharem as coisas, olharem a realidade, olharem os fatos, porque foi na realidade que Deus escolheu falar aos homens – através da realidade. Que é o tema todo do *Senso religioso*, outro grande livro de Dom Giussani.

Educar é abrir, ajudar os filhos abrir os olhos, a sentir na realidade tudo o que corresponde ao desejo de bem. E isso não se faz com palavras, mas só através de um testemunho, depende daquilo que você vive. Assim, quando alguns jornalistas me perguntaram o que esta pandemia deixou e o que esta pandemia nos tirou, eu disse que ela nos trouxe um pouco mais de verdade e tirou um pouco da mentira em que nós vivemos. Nós adultos mentimos por tempo de mais, nós mentimos sobre as verdades fundamentais. Por exemplo, que o homem não é Deus e depende de um pai, ele tem necessidade – o protagonista da história é o homem mendicante de Cristo, é o homem que procura o bem –. Ou que a escola seja, por exemplo, um lugar não só de ensino, mas de educação. Pelo menos aqui na Itália, esta foi uma grande descoberta que os professores fizeram durante a pandemia, pois foram instruídos por décadas a achar que na escola não se educa, mas só se ensina. Não sei se eu consegui responder à pergunta, mas eu diria que na família eu herdei o primeiro testemunho em relação à certeza sobre a realidade. Os meus pais sabiam que a vida é um bem e que eu era um bem para eles, antes mesmo que eu me tornasse como eles desejavam. A educação é um amor, uma misericórdia, é afirmação do valor do outro antes que ele se torne o que você quer.

Julia. É bem profundo, essas coisas nos tiram do nosso lugar comum.

Há outro trecho do seu livro em que você afirma que nós talvez sejamos a primeira geração de adultos que vive de um modo tão dramático o problema da tradição, ou seja, da entrega de uma geração a outra de um patrimônio de conhecimento, de valores, de certezas, de positividade, de uma ideia boa de vida. Já não é mais óbvio, já não é tão fácil que aconteça aquele milagre que sempre foi a educação e que garantiu, no bem e no mal, até nos momentos terríveis da história, que o mundo fosse adiante. Carrón tem chamado bastante a nossa atenção para a questão do niilismo, que é hoje uma das marcas do nosso tempo. Segundo o que ele escreve no livro *O brilho dos olhos. O que nos arranca do nada?*, o niilismo apresenta-se como uma suspeita sobre a consistências última da realidade, tudo acaba no nada, incluindo nós mesmos.

Como você vê esta virada cultural? Qual é hoje o coração da missão educativa? Como nós, pais, hoje podemos educar os nossos filhos dentro destes desafios, dentro deste contexto? E de uma forma que seja válida para pais que adotam diferentes modelos educacionais, como mandar os filhos para a escola, adotar o *homeschooling*, etc. Qual seria o norte para todos os pais? E além desta pergunta que eu tinha formulado, confesso que fiquei curiosa quando você disse que os professores foram acostumados a uma visão de que na escola não se educa. Os professores também teriam um papel na educação? Qual sua visão sobre isso?

Nembrini. Toda uma cultura do pós-guerra – talvez também no Brasil, porque permeou toda a civilização ocidental – recusou este papel da função educativa. E se ensinou então que a educação não era um papel da escola ou do professor. Isso é uma besteira enorme, porque o adulto sempre educa, queira ou não ele sempre educa, não pode escolher se educa ou não. Se aqui estivesse uma mulher que não é mãe, não é professora, não é freira, e por isso dissesse não ter nada a ver com o assunto e fosse embora, eu lhe diria que tem a ver sim, ela educa também. E se ela fosse vendedora num supermercado, ela educa, porque quem olha para ela aprende com ela, aprende a partir da sua forma de dar o troco, da forma como ajuda uma velhinha que tem dificuldade de carregar sua sacola, etc. Então, imagine se um professor não educa! Professor educa sempre. Qual é o problema? O que aconteceu é que se negou a premissa fundamental, isto é, de que todas as crianças, todos os nossos filhos e alunos, vieram ao mundo com um coração idêntico ao nosso. Este é o princípio educativo fundamental que eu procurei descrever no livro, porque é o princípio educativo fundamental que Dom Giussani descreve. Não só Dom Giussani, mas, na Igreja, o próprio papa Bento XVI escreveu várias páginas maravilhosas a respeito disso. A premissa então é esta: que nossos filhos vêm ao mundo feitos por Deus, e Deus continua fazendo o coração dos nossos filhos iguais a quando fez o nosso, o dos nossos avós e até de Adão e Eva. Ou seja, fez um coração cheio de um desejo de bem, de beleza, de uma vida grande. E a uma criança, quando vem ao mundo, você não precisa ensinar o que ela precisa fazer, ela sabe muito bem; ela sabe muito bem fazer o seu trabalho de ser humano, que é olhar. Ela olha, olha para a mãe, para o pai, depois para os amigos, os parentes, a escola, esperando uma resposta, esperando um testemunho daquele bem a que ela aspira. Se isso é verdade, o problema da educação não são as regras, não são os comportamentos, não são as convicções. A questão é que haja adultos que sejam testemunho de um coração tão grande, que corresponda ao desejo dos nossos filhos. E só, não há mais nada para fazer em relação à educação dos nossos filhos, o resto fica entregue à liberdade deles.

É este, então, o problema do niilismo na primeira parte da pergunta. O niilismo, no fundo, diz que não há um bem, uma verdade; não existe algo que vale a pena ser conhecido com certeza, tudo é relativo. É necessário dar-se conta disso, porque Carrón tem razão quando diz que é uma característica da cultura contemporânea. Há muitos anos atrás eu fui o substituto em uma sala de aula que não era minha, e conversei com os alunos e perguntei o que eles achavam sobre a fé, sobre a religião, sobre o destino do homem. Um deles, com o rosto um pouco triste, me contou que tinha medo durante a noite de entrar no quarto dos pais, porque temia que no escuro a mãe

se revelasse diferente da mãe que ele conhecia, como, por exemplo, uma bruxa, um monstro, algo terrível que ele não via durante o dia. É um episódio, um exemplo muito pequeno, mas naquele dia eu entendi uma coisa terrível, mas fundamental: para aquele menino já não era certo nem mesmo que a mãe fosse um bem, que a própria mãe o amava; até isso estava posto em dúvida. Ou como me escreveu um outro adolescente de 16 anos, muito doente psicologicamente e que eu conhecia muito bem: “Franco, conte-me um pouco como foi no período de 1968, a confusão que aconteceu naqueles anos 68/70!” E eu lhe contei um pouco daquilo que aconteceu, sobre os conflitos que aconteceram entre os comunistas e os partidos de direita e esquerda. E ele me disse: “Para vocês deu tudo certo, porque de vocês, no final, eles só tiraram a fé. Ao contrário, de nós eles tiraram a própria condição para termos fé, ou seja, o sentimento da certeza sobre a realidade”. Ele me deu este exemplo: “Vocês podiam atirar-se uns contra os outros nas barreiras de comunistas contra fascistas, mas à noite, no bar, se vocês se encontrassem bebendo alguma coisa, uma taça de vinho era uma taça de vinho para todos; era uma evidência para todos. Na nossa geração não há motivos para se atirar, não há ideologias a favor das quais combater; a nossa tragédia é que à noite, diante de uma taça de vinho, uma pessoa diz que é vinho, outra diz que é cerveja, outra que é água, e todos têm razão, não há uma verdade última”. Foi destruído o sentimento da realidade. Por isso a ideia de educação de Dom Giussani é revolucionária e profética, quando diz que a educação é introdução à realidade e ao seu significado. É o sentimento da realidade o que nós temos de reconstruir, mas aqui eu repito mais uma vez, perdoem-me, que o sentimento da realidade é algo que tem de ser testemunhado, não pode ser dito; não pode ser explicado.

Julia. Obrigada, Franco. Isso tudo me lembra muito da época em que eu fui para a faculdade, antes da minha conversão. Lá eu vi esse choque da perda das certezas, e foi inclusive o que me fez procurar um sentido para a realidade até encontrar Dom Giussani. Então eu agradeço a sua fala, eu acho que há muitas pessoas nesta situação hoje.

Nembrini. Eu acho que temos de estar muito atentos a isso, pois pensamos saber o que é o niilismo, mas não sentimos o peso existencial. O niilismo é um caruncho que corrói em profundidade a própria relação com a realidade. Vivemos num mundo onde contam mais os pensamentos do que os fatos. Até pouco tempo atrás, os fatos determinavam as reflexões, era a experiência o que determinava as reflexões. Agora abro um parêntese literário, espero que vocês apreciem. Trata-se da insistência de Dom Giussani no décimo capítulo de *O senso religioso*, quando explica o canto noturno de Leopardi, a qual só recentemente entendi. Leopardi, no coração dessa poesia, diz uma coisa tremenda e revolucionária: antes acontecem as coisas, e o primeiro sentimento do homem é o maravilhamento diante das coisas pelo fato de existirem. A reflexão, então, é o pensamento que a pessoa faz dando-se conta da existência das coisas. A realidade vem primeiro, a experiência que fazemos na realidade e nas coisas que fazemos vem primeiro, e depois vem o pensamento. O pensamento então vem para tentar entender, aproximar-se do sentido mais profundo das coisas. Mas hoje ninguém obedece à realidade, aos fatos. Primeiro vem o pensamento, e a primeira coisa que vem à cabeça é que tudo então tem o mesmo valor. Essas páginas de Dom Giussani recolocam as peças, relembram ao homem qual é a posição dele em relação às coisas e onde as coisas estão. Na contracapa da biografia italiana de Dom Giussani há uma frase dele, que sintetiza a sua vida e o seu carisma: “Tudo para mim se realizou com a mais absoluta normalidade, e as coisas que aconteciam, enquanto aconteciam, causavam assombro, por como era Deus quem as conduzia fazendo com que fossem o enredo de uma história que me acontecia, e me acontece, diante dos meus próprios olhos”. Em três linhas aparecem quatro vezes a palavra *acontecer*; aquilo que acontece. Para mim essa é a síntese de Dom Giussani e da educação cristã: uma grande confiança no coração do homem, que deseja conhecer a realidade; uma grande confiança na realidade que Deus fez para que fosse um

grande sinal da Sua misericórdia. Então a educação é facilitar o encontro entre o desejo do coração e a resposta que Deus dá a esse desejo por meio da realidade. Tudo tem de servir para isso, inclusive as matérias escolares, na minha opinião. Vale a pena estudar e instruir-se para aprender essa relação com a realidade.

Julia. Agora vamos passar para um assunto que interessa particularmente aos pais, e muitas perguntas vieram nesse sentido quando preparamos este evento. No seu livro, você cita *Educar é um risco*, de Dom Giussani, com a seguinte frase: “‘Uma educação incapaz de fascinar o jovem no seu tempo livre [...] certamente é limitada, humanamente inadequada’: não se pode fazer uma catequese em que a questão do tempo livre é que não façam certas coisas; é preciso encarar o jovem diretamente, sem fingimentos, com uma proposta séria de compromisso com os valores, justamente naquele tempo de que só ele pode dispor”. Neste período da pandemia, o que muitos pais identificaram, e com o qual todos nós estamos sofrendo, é que não existe uma separação clara entre o tempo livre e o tempo da escola, de modo que muitos pais sentem que os filhos passam todo o tempo jogando videogame, computador, etc., como se todo o tempo fosse livre. Temos a preocupação em trazer de volta os filhos à realidade dentro deste contexto, sendo que muitas vezes os próprios pais também trabalham o dia todo com o computador ou os celulares, usando as redes sociais, como um instrumento de trabalho. Levando em consideração esse contexto, como você vê criar os filhos de uma forma livre, e o que é afinal ser livre?

Nembrini. Essa pergunta sobre a liberdade é terrível, temos muita dificuldade de amar a liberdade dos nossos filhos, mas não há educação sem liberdade, sem amor pela liberdade. É verdade que a pandemia viu muitos jovens refugia-se nos videogames, nos computadores, nas redes sociais; é verdade! Mas justamente isso mostrou em que consiste realmente a educação. Você, adulto (pai, mãe, professor), que alternativa é ao computador e ao videogame? É verdade que coração dos nossos filhos espera uma vida grande, uma vida boa, mas não há mais ninguém que os mostre isso. Todos enchem o saco deles porque passam muito tempo no celular, mas ninguém lhes oferece uma verdadeira alternativa. A minha experiência me diz que, mesmo neste momento em que a geração dos jovens é arrastada para dentro desses novos meios da tecnologia, quando há um testemunho de uma experiência verdadeiramente grande, ele vence (se a dependência do celular não se tornou uma patologia, pois às vezes isso ocorre). Eu percebo que os jovens de hoje já estão cansados dos celulares, das redes sociais, de coisas não verdadeiras. Se forem postos diante de uma experiência verdadeira de relação, na qual vocês os olhem nos olhos e façam perguntas verdadeiras e contem coisas sobre si mesmos, eles deixam os celulares de lado e vêm atrás de vocês. E nós já dissemos e repito: não é automático! A liberdade é uma coisa séria, e eles também poderiam negar, mas nós adultos não podemos fazer nada além disto: testemunhar algo tão grande que eles possam reconhecer como um bem para eles. O problema é fazê-lo e fazê-lo juntos, porque senão tudo isso se reduz a proibições, a dizer que essas redes sociais são perigosas, a gritar que eles têm de estudar porque é importante para o futuro.

Julia. Eu acho que o ponto desta questão, para mim, é quando você pergunta que alternativa somos para o filho e não o que oferecemos, pois sempre queremos oferecer um substituto a nós. “Quem você é para o seu filho?”: acho que este é um norte para todos nós. A última pergunta é mais sensível, porque há muitos pais que, além do peso normal que todo mundo carrega (quarentena, restrições), precisam dedicar toda a energia e o cuidado com os filhos especiais. Isso ficou ainda mais intenso durante a quarentena. Eu queria saber como eles podem viver isso sem perder a esperança. Para onde eles podem olhar e o que podemos dizer-lhes quando se perguntam todos os dias: “Por que eu fui escolhido? Por que eu preciso viver isso?”

Nembrini. Para mim sempre foi difícil falar sobre o mistério da dor, não sei nada sobre isso. Eu só entendo (depois que cheguei aos sessenta anos) que misteriosamente na dor existe uma possibilidade de bem, porque vi acontecer muitas vezes. Assim como da dor do parto, que é uma dor verdadeira, vem sempre o bem do nascimento. Mas a resposta a essa pergunta vocês já deram quando fizeram a pergunta. Qual foi a última coisa que você disse, Julia?

Julia. O que podemos dizer-lhes quando perguntam por que foram escolhidos?

Nembrini. Isso! Impressiona-me muitíssimo o que vocês dizem: por que fomos escolhidos? Porque, se fomos escolhidos, quer dizer que se trata de uma vocação. Ser escolhido significa ser chamado, e eu não sei por que Deus tenha chamado a uma dificuldade tão grande algumas pessoas e outras não, mas sei que aquelas que Ele chamou, Ele chamou para uma vocação; uma grande vocação. Então, eu diria que os pais que têm esse peso a carregar, esse sacrifício a fazer, devem ajudar-se a viver isso justamente como chamado, como vocação. Porque, se é uma vocação, significa que é para todos. Enfim, eu não consigo dizer mais do que isso. Mas se têm um filho com uma dificuldade por causa de patologias ou alguma doença qualquer, quer dizer que essas famílias têm a grande vocação de recordar a todos que a vida funciona assim, que a vida é necessidade, que na vida a gente não consegue sozinho, que na vida é necessário viver uma solidariedade. Esta é a vocação que eles têm: lembrar a todos a condição verdadeira da vida para que ninguém se iluda achando que pode salvar-se sozinho. Por isso, quem está bem e não tem esse tipo de problema precisa olhar para essas famílias com grande interesse e curiosidade e conviver com elas; ajudá-las, porque ajudando-as são elas que nos ajudam a entender melhor o que significa viver.

Julia. Obrigada, Franco.

O vídeo está disponível no canal YouTube de Comunhão e Libertação:

<https://www.youtube.com/comunhaoelibertacao>

(Notas não revistas pelos autores)